

Jovens e socialização: entre o aprendizado e o entretenimento

■ TEREZA QUIROZ*

RESUMO

O texto apresenta um panorama acerca dos encontros e desencontros entre o aprendizado e o entretenimento na vida dos jovens. Assim mesmo, a Internet é focada como espaço de comunicação e re-definição de relações e identidades, utilizando os resultados de uma pesquisa empírica com jovens peruanos.

Palavras-chave: comunicação, educação, tecnologia, cultura, meios de comunicação

ABSTRACT

The text presents an overview on the proximities and distances between knowledge and entertainment in the lives of youngsters. Internet is taken as a space for communication and for relationships and identities re-definition, profiting from an empirical research study on Peruvian youngsters.

Key words: communication, education, technology, culture, means of communication

* Doutora em Sociologia. Professora titular e pesquisadora na Faculdade de Comunicação da Universidade de Lima. Presidente da Federação Latino-Americana de Faculdades de Comunicação Social (Felafacs). Presidente do Júri de Ética do Conselho da Imprensa Peruana. Autora de: *Jóvenes e Internet. Entre el pensar y el sentir; Aprendizaje y Comunicación en el Siglo XXI; Aprendiendo en la era digital; Todas Las Voces. Comunicación y Educación en el Perú.*

Traduzido por
ALEJANDRA PIA NICOLosi

NOS ÚLTIMOS QUINZE ANOS, a quantidade de livros, artigos e ensaios acerca da sociedade da informação, da sociedade em rede, das mudanças nas formas do saber, dos tipos de aprendizado, das novas formas de socialização, da matriz de entretenimento da sociedade contemporânea, entre outros, é imensurável. Seria pretensioso demais abraçar todas as perspectivas teóricas e interpretações desenvolvidas a esse respeito. Tentarei recolher nessa oportunidade aquelas perspectivas que me permitam elucidar quais são as características das sociedades nas quais os jovens escolares acedem ao conhecimento e à informação, socializam-se, vivenciam suas relações entre colegas, alternam sua vida cotidiana entre o lar e o colégio, e experimentam suas próprias identidades.

INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

O problema do conhecimento tem sido estudado por diversas tradições teóricas sociais e culturais ao longo do século XX, tanto a partir de uma perspectiva histórica, do capital cultural e das instituições que o sustentam, da relação entre o conhecimento, o interesse e a esfera pública, quanto dos vínculos entre as culturas orais e alfabetizadas.

É um engano pensar que o problema da informação e do conhecimento é somente uma questão contemporânea. Conforme Peter Burke, a mercantilização da informação é tão antiga quanto o capitalismo, e seu uso pelos governos é de longa data. A idéia de venda de conhecimento é no mínimo tão antiga quanto a crítica feita por Platão às práticas dos sofistas. Se vivemos imersos numa sociedade na qual a produção e venda de informação representam uma parte muito importante das economias mais desenvolvidas, é pertinente perguntarmos o que é o novo hoje em dia. Burke acrescenta que estamos mergulhados na “sociedade do conhecimento” dominada por especialistas profissionais e métodos científicos. Segundo os economistas, vivemos numa “economia da informação” que se caracteriza pela expansão das atividades relacionadas com a produção e difusão do conhecimento (Burke, 2002: 11-2).

É possível – e de fato assim tem sido desenvolvido por vários autores – falar em história social do conhecimento que inclua não apenas o saber erudito de intelectuais e cientistas e seus suportes institucionais, como também todas as formas de conhecimento que temos e utilizamos na vida cotidiana, que tem passado por várias etapas. Assim, o advento da escrita constituiu o cimento que permitiu fixar com signos gráficos as informações num suporte estável, traçou uma ponte entre a língua falada e a linguagem, separando o falado do falante, liberando a memória individual e coletiva dos dados que deviam ser registrados na mente, permitindo assim, um pensamento conceitual que deu

ao Ocidente a estrutura mental para a comunicação acumulativa baseada no conhecimento. A alfabetização só foi generalizada vários séculos depois, com o advento e difusão da imprensa e a fabricação do papel. O livro adquiriu tanta importância, que é mantido até hoje, convertendo-se em reconhecido símbolo de conhecimento e cultura (Castells, 2001: 33-9). Disso decorre que a chamada «lecto-escritura» constitua o componente organizador da escola moderna.

Porém, nas últimas décadas do século XX, tem ocorrido uma transição importante. A chamada *lecto-escritura*, que tinha estabelecido uma fratura entre a comunicação escrita e o audiovisual, outorgando uma categoria superior ao discurso escrito e relegando os sons e as imagens ao campo das artes ou à sensibilidade individual e pessoal de caráter privado, modificou-se. A leitura já não mais se reduz a leitura de materiais escritos. Hoje em dia, as pessoas, e especialmente os mais jovens, conhecem mais por meio do que «olham» e «escutam», do que através do que lêem. A televisão, o rádio e a internet têm reposicionado tanto as fontes de conhecimento, os referenciais, quanto o lugar que as pessoas ocupam na própria produção do conhecimento.

Trata-se de uma mudança cultural da maior transcendência, especialmente para as novas gerações, que no cotidiano vinculam e encadeiam, sem hierarquias nem ordem pré-estabelecida, o conhecimento racional e o de origem formal juntamente ao que provém das imagens, sons e a música, mais ligados à sensibilidade e à emoção.

Raffaele Simone, que chama essa etapa de “terceira fase”, explica voltando-se às diversas etapas do conhecimento. Assim sendo, a escrita provocou efeitos gerais sobre a sensibilidade do homem porque enalteceu “o ver a respeito do ouvir” e trouxe mudanças no olhar, emergindo a visão alfabética; uma modalidade da visão que permitia adquirir informações e conhecimentos a partir de uma série linear de símbolos visuais. Essa visão alfabética foi o sustento da inteligência seqüencial, forma própria do pensamento do homem moderno. Entretanto, por volta do fim do século XX, transita-se gradualmente para o estado de aquisição de conhecimentos através da audição ou da visão não alfabética, quer dizer, através da inteligência simultânea que provoca uma ruptura com a linearidade. Assim, estabelece-se uma nova ordem na sensibilidade, que regressa ao domínio do ouvido e da visão não-alfabética, muito características das novas gerações de jovens (Raffaele, 2001: 33-9). A fala ganha, então, uma importância capital: «fala-se» nos *chats*, sem objetivos nem finalidade, acerca de assuntos gerais, sem referentes precisos, no telefone celular, como uma maneira de viver intensa e transbordante.

Estamos em face a um espaço comunicacional, outrora inexistente. Um espaço nomeado de múltiplas formas: ecossistema comunicativo, entorno

virtual ou entorno telemático. Trata-se de um espaço social, diferente do entorno natural e urbano em que nossa memória, nosso comportamento e nossa identidade sofrem re-definições. Muitos dos conhecimentos que são adquiridos no meio urbano e natural são transferidos para o entorno eletrônico, que tem por característica não localizar-se em lugar nenhum, mas pelo qual é possível atuar e inter-atuar à distância. Javier Echeverria assinala que a identidade das pessoas transforma-se face ao novo espaço social porque permite um novo modo de ser e de estar no mundo, através da comunicação via e-mail, adquirindo produtos e serviços pela internet e através do qual as pessoas «mostram-se» umas às outras. Echeverria (2000) afirma que nosso modo de perceber e de sentir modifica-se, transformam-se nosso entendimento e nosso sentimento, uma vez que o mundo digital apresenta-se como nova circunstância para o desenvolvimento de nossos conhecimentos, paixões e afetos. Significa outro modo de expressarmos e de conhecermos a nós mesmos, o que sugere novos questionamentos ao conhecimento e à filosofia.

Se vivemos num espaço ou entorno comunicacional, é possível afirmar que a maior parte de nossa experiência ocorre em contextos construídos pela informação, por meio da qual a realidade se transforma cada vez mais em signos e imagens. A experiência acontece – muito especialmente – em circuitos de informação por meio das redes em que os sujeitos comunicam-se, vinculam-se, relacionam-se, prescindindo da mediação de relações diretas ou físicas. Conforme Alberto Merlucci, acontece uma «presentificação» do tempo, que afeta o modo como percebemos e definimos a realidade. O valor do presente, do momento, do tempo real, altera as sensibilidades e percepções. O sentido do futuro radica no «aqui e agora», na escolha certa e oportuna, atitude muito presente entre os jovens, em comparação com outros grupos etários. Se a informação é um recurso simbólico e reflexivo, o acesso ao conhecimento produz, certamente, novas formas de poder, desigualdade, discriminação e conflitos.

Hoje em dia as pessoas investem em recursos, capacidades mentais, cognitivas e emocionais, para acessar o conhecimento dos mesmos. Merlucci acrescenta que cada vez menos se trata de uma questão de conhecimento de conteúdo e mais de capacidade em codificar e decodificar mensagens. E ainda mais, existe um abismo entre a simples informação linear e acumulativa, e a sabedoria que provém da percepção do significado e sua integração com a existência individual. É por isso que se produz uma brecha entre o reino do conhecimento instrumental e a adequada utilização na vida particular. O autor chama essa faculdade de capacidade social para a individualização, quer dizer, o aprender a aprender, que alarga a autonomia individual, a partir da qual a

pessoa aprende a escolher em face ao fluxo excessivo de estímulos perceptivos e afetivos. O que acarreta novas formas de diferenciação social e desigualdade.

Assim sendo, hoje em dia devemos pensar em desigualdade social e classes sociais mais em termos de acesso desigual a novos recursos de individualização do que em termos materiais, simplesmente. Aquelas pessoas que se inserem no campo do simbólico com maior liberdade são os privilegiados que acedem ao conhecimento dos novos códigos, das novas linguagens e competências. O nível mais profundo da constituição do eu está afetado por processos de autonomia e controle. Disso decorre um “problema social”, uma vez que sobrevivem e são bem sucedidos aqueles que cultivam sua própria individualidade, que são autônomos e auto-suficientes, o que acarreta o aprofundamento das diferenças e desigualdades (Melucci, 1999).

SOCIALIZAÇÃO E ENTRETENIMENTO

A vida social dos jovens e os processos de socialização em que estão imersos têm estreita relação com os meios massivos de comunicação e com os meios mais personalizados. Conforme Stanley Aranowitz, tanto as atividades que se realizam – dos mais variados tipos – quanto a própria subjetividade, estão «atreladas» a sistemas tecnológicos. O autor considera que o conceito de «mediação» é insuficiente para entender o papel das tecnologias. Tanto a sociabilidade quanto a política, a percepção quanto a experiência, o amor quanto a amizade, o poder quanto o prestígio, são desafiados pela tecnologia. Aranowitz (1998: 40-1) questiona a idéia que sustenta que os meios são os responsáveis pela queda dos padrões culturais e que a cultura visual das imagens tecnologicamente mediadas seja inferior à cultura literária. Além disso, rechaça tanto a idéia de que os meios sejam os responsáveis pela violência ou pela «não-cultura», quanto pensar que se a tecnologia do vídeo não tivesse existido, o progresso cultural seria outro e poderia existir uma cultura «mais nobre».

Para compreender a relação com os meios de comunicação é preciso se situar no nível das necessidades que eles atendem e da sua capacidade para responder a inquietações pessoais e emotivas. Ferrer y Prats (2003: 60-4) têm discutido, em vários de seus livros, o que é o vínculo emotivo, o que explica a natureza dessa relação, muito especialmente com a televisão. De fato, as empresas investem verdadeiras fortunas para inserir produtos através de publicidade em filmes e séries, devido ao peso relevante que adquirem as emoções e o inconsciente na experiência do consumo individual. Os diversos programas de televisão, séries, filmes, telenovelas, ou programas ao vivo oferecem personagens que encarnam temores, fantasmas, ideais, para odiar, amar ou simplesmente, acompanhar. Por esse motivo, a educação ou a promoção de atitudes reflexivas

entre os jovens demanda uma visão que vincule o aprendizado, a crítica e a razão com as imagens e a música, e que transforme a emoção em reflexão.

Aranowitz (1998: 23-46) considera que no caso da cultura norte-americana estamos diante de tecno-culturas, uma vez que são indissociáveis as culturas existentes nesse país e o uso das tecnologias. Ao falar em televisão especificamente, o autor afirma que além de suas funções nos distintos campos da vida social, o meio predispõe o espectador para a espetacularidade. O meio altera a percepção do tempo e do espaço, da distância e da proximidade, modificando a experiência, uma vez que nossos referentes provém em grande parte da televisão. Boa parte do que sabemos ou podemos dar conta provém da televisão; foi «visto» ou «escutado». Ainda mais, para Manuel Castells (2006: 49) a influência mais determinante que os meios exercem não vem tanto do que eles falam, mas do que eles calam e ocultam, pois a atividade recai numa dicotomia: na mente do público só existe o que os meios dizem existir. O poder fundamental reside, então, na faculdade de ocultar, de mascarar, de condenar à inexistência pública. O autor aponta que a mensagem mediática mais simples e poderosa é a imagem, e é o rosto a mensagem visual mais efetiva.

Um vínculo estreito e fundamental tem sido tecido entre televisão e entretenimento, e a televisão tem se destacado como o meio mais popular e como o narrador central de nossas vidas, como entende Omar Rincón (2006: 22-3). O meio tem se inserido perfeitamente na temporalidade do lar; tem estabelecido relações afetivas e identificações como as audiências, fazendo parte das conversas cotidianas, enchendo o tempo social dos distintos públicos sem exigir maior esforço e prometendo entretenimento permanente. Os meios de comunicação em geral, e a televisão em particular, permitiram às massas urbanas aceder ao consumo que preenche as horas vagas, ensinando-lhes muitas coisas, oferecendo-lhes referências para nutrir as conversas cotidianas, assim como também a fruição através de estéticas e relatos tendenciosos, simplistas, superficiais e imediatos, muito distantes da oferta cultural para as elites. Rincón cita a ensaísta Susan Sontag que, referindo-se às fotografias das torturas no Iraque, chama a atenção para a dimensão do entretenimento-tortura que os telespectadores acompanham com certo prazer, inclusive, afirmando que a lógica do entretenimento é a matriz explicativa dos Estados Unidos, país que exporta seu modelo cultural por meio das diferentes mídias.

A presença de imagens e de sons que chegam e inundam a vida diária das pessoas produz sensações e estímulos permanentes. Não há espaço para o silêncio. Trata-se de uma espiral de sensações e uma procura de satisfações sempre presentes, a não ser na hora de dormir ou trabalhar. Como já foi assinalado,

estamos predispostos à espetacularização, a presenciar rituais coletivos de todo tipo. A tragédia nos atrai tanto quanto o horror, as excentricidades e até a morte. Porém, o mais interessante a destacar, conforme Todd Gitlin (2005: 16-40), é que nossa civilização tem desenvolvido uma imersão em imagens e sons de tal modo que a plenitude icônica é a condição contemporânea. Por outras palavras, se conhece e se aprende por meio do divertimento. Gitlin identifica esse estado como um zumbido do «intracendente» característico dos meios, cuja incidência maior se dá entre crianças e jovens que crescem mergulhados nessa cultura de forma natural, de modo que para eles é incontestável e natural o direito a dispor de todos os meios.

Gostaria de resgatar uma reflexão muito interessante de Gitlin (idem), que amplia o que foi dito anteriormente: vivemos numa “sociedade do sentimentalismo e da emoção”, de cujo desenvolvimento, às vezes, a informação participa. Para fundamentar essa idéia, o autor cita um pensador contemporâneo de Weber, Georg Simmel (1858-1918), tido como o primeiro grande analista moderno da experiência cotidiana. Simmel considerava que a força determinante das pessoas estava “no poder e no ritmo das emoções”, uma vez que o desejo precede à racionalidade, não apenas cronologicamente, mas também na evolução da conduta e das instituições. Simmel escreve em 1900, muito antes da grande expansão mediática da cultura da sensação perante a qual o homem é um encenador de papéis, um aventureiro e um procurador de estímulos, fato que o predispõe para o consumo de meios ilimitados. Esse homem que se oculta na grande cidade é uma pessoa que sente, e eis o grande paradoxo que adverte o pensamento de Simmel (apud Gitlin, 2005: 57):

Uma sociedade calculadora está habitada por pessoas que precisam sentir para fugir do disciplinamento racional da vida prática (...) de modo que a modernidade, sendo a era do cálculo, produz uma cultura que se apega ao sentimento.

De certo modo, os cotidianos do trabalho e da escola identifica-se com a rotina e o tédio, mas são compensados pelo tempo de lazer, de entretenimento, do «sentido» do próprio consumo. Entretanto, muito além dos meios audiovisuais, o que Gitlin (idem: 70-7) considera sem precedentes é o fato de as pessoas se sentirem acompanhadas, mesmo não estando no mesmo lugar, compartilhando conversas, estados de ânimo, até o sexo. Se outrora o consumo era limitado ao âmbito doméstico, uma vez que ali eram recebidas as imagens e os sons, agora se percebe a passagem do entretenimento privado para o consumo móvel, através dos aparelhos de som como o *walkman*, num primeiro momento, e depois os *ipods*, o que traz uma aceleração do ritmo de vida.

OS JOVENS: COMUNICAÇÃO E INTERCULTURALIDADE

Nessa primeira década do século XXI, os jovens fazem parte de uma geração, que eu ousou falar, é menos «americanizada», quer dizer, mais diferenciada. No intuito de ensaiar algumas explicações, quero chamar a atenção para a existência de uma comunidade lingüística ibero-americana, de gostos e alguns valores culturais comuns relacionados à tradição e aos processos de mestiçagem, culturas políticas e certas práticas próprias de países com níveis extremos de desigualdade, que diferenciam os jovens latino-americanos dos outros provenientes de diversas latitudes, ainda no seio da globalização. Apesar dos abertos processos de homogeneização das indústrias culturais, conjuntamente com a diversificação dos produtos, o que não é homogeneizado é o *habitus* cultural dos públicos, e em nosso caso, dos jovens.

Que efeitos da globalização sobre os processos produtivos têm impacto na educação e nos modos de construção da realidade dos jovens na América Latina? São eles:

1. A des-massificação. Assim como a revolução industrial fez da estandardização o seu mecanismo essencial para gerar economias em larga escala, o processamento digital da informação permite, na atualidade, a produção diferenciada e em escala mensurável. No caso da educação, a massificação entrou em crise nas escolas latino-americanas uma vez que o projeto linear e por etapas tem sido amplamente ultrapassado por um ritmo e um caráter de acesso ao conhecimento diferente, assim como também pelas indústrias culturais. Crianças e jovens que ensinam a seus pais formas de acesso que rompem com a ordem tradicional, variedade e diversidade de fontes, formas multimídias de aprendizado, imagens que povoam a imaginação e alimentam o conhecimento antes e em maior medida do que os livros, removem a estrutura da educação em nossos países e questionam as tradicionais destrezas que se adquirem nas escolas, ainda mais quando as mudanças recentes assomam.
2. A des-intermediação da economia. Através do uso crescente da internet, o sujeito pode adquirir bens e serviços de forma direta, inclusive ofertá-los. O mesmo sucede com o desenvolvimento da indústria cultural, da televisão a cabo até as mais diversas formas de entretenimento e de informação. No caso da educação, à clássica intermediação dos livros e da palavra do professor, incorporam-se as imagens e a relação direta dos jovens com as fontes. A internet faz sucumbir o caminho único de acesso ao conhecimento e instala novas formas diretas, não mais controláveis, e para as quais nem as instituições nem os professores estão preparados ainda.

3. A maior desagregação produtiva. Os processos de produção estão homogeneizados, porém, assim mesmo, fragmentados. No campo da educação, demonstra-se que o educando não é mais o resultado de um processo exclusivamente escolar. Ele é produto de um acúmulo de interações, através das quais recorre a fontes, relações e referentes muito diferenciados. E ainda mais, é resultado também de experiências que perpassam pelos seus sentidos e afetos, diversidade que as escolas ainda não conseguem atender.
4. A descentralização. Enquanto outrora a informação era escassa, agora é abundante, excessiva, até. A educação está perturbada pela descentralização e ainda não consegue compreender o quanto a sua lógica tradicional é afetada. As instituições educativas tinham o monopólio do conhecimento, dos dados, da informação e dos processos. Hoje em dia essa situação tem mudado radicalmente e, se as escolas não redefinirem a educação, quer dizer, não vincularem-na ao «aprender a apreender», reorientando os esforços para facilitar a autonomia e a capacidade crítica do educando, de fato fracassarão.

Tanto no Peru como na América Latina, a escola do século XX definiu seu afã por se modernizar, ampliando a cobertura escolar, massificando-se e consagrando-se como instituição transmissora de conhecimentos. O professor praticou uma pedagogia centrada na transmissão eficiente do saber e a escola abandonou sua função essencial como criadora de conhecimento. Esse fato foi intensificado por uma ruptura cultural. A escola legitimou a razão materializada na leitura e a escrita, ignorando o campo das imagens, das emoções e sentimentos. Produz-se, assim, uma divisão entre a cultura do educador e a dos alunos. Os professores advogavam pelo «dever ser» das coisas de um mundo previsível, bonito e grandiloquente, priorizando o quê se diz e a magnífica forma de expressá-lo, mas afastando-se da realidade e da vida concreta. Para o educando, o importante passa a ser o seu mundo real e cotidiano, o seu mundo interior e a sua subjetividade, ocupando os sentimentos um lugar muito importante. A primeira cultura corresponde à instituição encarnada nos adultos e que se move com lentidão, propõe um conhecimento arcaico e um modelo de vida em que o tempo se adensa, se solidifica e se assenta no passado. A segunda cultura é a dos jovens, que persegue o ritmo das zonas mais modernizadas da cidade afetadas pela ciência e a tecnologia, os meios eletrônicos de comunicação, o computador, a vertiginosa mobilidade espacial e as relações sociais (Parra Sandoval, 1995). Uma subjetividade plena de fraturas e contradições que a globalização não apaga.

Que relação existe entre o acesso e uso dessas tecnologias e a possibilidade de um diálogo cultural e de uma comunicação intercultural entre os jovens? Trata-se de um assunto que levanta um profícuo debate. O chileno Martín Hopenhayn (1995) considera que a globalização traz uma quantidade infinita de culturas, sensibilidades e diferenças de cosmovisões até «a ponta de nossos narizes». A recriação de perspectivas no contato com o «essencialmente-outro» é agora possível num mundo em que a heterogeneidade de línguas, rituais e ordens simbólicas é cada vez mais imediata. Não é apenas a tolerância do outro-diferente posto em jogo, mas a opção de metamorfose própria na interação com esse outro. Trata-se de uma oportunidade inédita de recriação e pluralização de nossa identidade. Sem dúvida alguma, o volume e fluxo constante de sinais que os outros nos enviam à distância apresenta-se como uma oportunidade, mas simultaneamente introduz o risco de enfraquecimento das identidades, quer dizer, da sua dissolução. A globalização não tem, portanto, um signo único. Criticando essa visão descrita, há quem sustente que fazemos parte de uma sociedade em rede, interconectada pela informação e em que o novo poder reside nos códigos de informação, e nas imagens que influem sobre as estratégias da vida e a tomada de decisões; porém, isso não significa bem-estar igualitário. Trata-se da utopia do mundo feliz que ignora a co-existência de circuitos abertos com conhecimentos estratégicos reservados a poucos.

O assunto é de especial interesse em países em que o debate acerca das identidades é de longa data. O historiador peruano Nelson Manrique (1997) acredita que é possível aproveitar a diversidade de nossos países para nos integrarmos à sociedade global. A respeito da cultura andina, o autor pondera que, embora existam posturas que consideram as atuais mudanças como a última ameaça para a desapareção final dessa cultura, a perda da identidade indígena autêntica e a alienação dos camponeses – empurrados por um processo em que sua identidade acabará sendo apagada – eles serão levados, como todos, ao processo de globalização que estamos vivendo. À medida que se incorporarem – embora de modo segmentado – à sociedade virtual em ampliação, os camponeses dos Andes acabarão compartilhando uma dupla identidade: uma planetária, construída a partir do contato com o resto do mundo através das redes; e outra alimentada pelos contatos primários, face a face. Manrique assinala que as novas tecnologias são claramente compatíveis com a diversidade e a heterogeneidade.

É um fato cultural – no conjunto da América Latina – que as majorias e particularmente os jovens se incorporaram e se apropriaram da modernidade sem deixar de lado sua cultura oral. Esse processo é alcançado não por meio do livro mas pelos gêneros e pelas narrativas, pelas linguagens e pelos saberes,

pela indústria, pela experiência audiovisual e, hoje em dia, pela internet. De certo modo, estão em jogo as profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias e especialmente, nas novas gerações que sabem ler, mas sua leitura é atravessada pela pluralidade de textos e escritas colocados em circulação. Isto nos leva a refletir acerca da complexa trama de relações que são produzidas na América Latina entre a oralidade, que perdura como experiência cultural primária das maiorias, e a visualidade tecnológica (Martín Barbero & Rey, 1999). Vivemos desconcertantes paradoxos: por um lado, somos testemunhas da abundância comunicativa, da ampla disponibilidade de informação e da explosão das imagens; do outro lado, da deterioração da educação formal, do empobrecimento da experiência e do enfraquecimento do público, entendido como espaço de participação ativa da cidadania.

A respeito do Peru, mas alargando a reflexão para a América Latina, os peruanos Juan Biondi e Eduardo Zapata (1994), afirmam que a «oralidade vivente» que existe na cidade passeia autonomamente pelas ruas através de diferentes formas de expressão e de pensamento. Estamos, continuam os autores, face a uma sociedade articulada oficialmente em torno de um eixo comunicativo e de um tipo de raciocínio característico da palavra escrita, enquanto a vida da maioria transcorre cotidianamente com base na oralidade. Além disso, os autores afirmam que a palavra escrita está perdendo para a eletrônica.

Enquanto o livro e a escrita desempenharam uma função de igualdade social na Europa, no Peru e na América Latina foram uma arma de discriminação e poder. Vários autores têm se lembrado do fato histórico ocorrido em Cajamarca em 1536: no encontro entre Pizarro e Atahualpa, o padre Valverde entrega uma Bíblia para o inca que, segundo os cronistas, a joga para o ar como expressão de desencontro com os códigos lingüísticos, o código escrito europeu e o oral andino. A partir desse momento, grandes setores da sociedade eminentemente oral foram marginalizados, o peruano transformou-se num ser desconfiado da lei e da justiça, não tanto porque não acreditasse no seu funcionamento, mas porque não a compreendia. Antonio Cornejo Polar (1977) aponta que a irrupção da escrita nos Andes está ligada à autoridade, ao poder e à colonização cultural. A escrita é identificada com o «oficial» e o «progresso», enquanto que o andino é identificado com o «primitivo», «inculto», «atrasado». Certamente, o trauma da conquista, é de fato, um trauma lingüístico.

Essa oralidade da vida cotidiana, do trabalho e da luta pela sobrevivência conecta-se muito facilmente com o mundo da tecnologia e da internet, particularmente com o mundo dos jovens.

Quais são as dificuldades ou problemas, ou as tensões e paradoxos da vida dos jovens hoje em dia? A respeito disso, um importante estudo realizado

pela Cepal (2004) identifica as seguintes controvérsias presentes nos jovens latino-americanos:

- Possuem mais acesso à educação do que a um emprego.
- O acesso à informação é maior que o acesso ao poder.
- Possuem mais expectativas de autonomia e menos opções para concretizá-la.
- Possuem melhores condições de saúde mas são menos reconhecidos em sua mortalidade específica.
- São mais nômades, mas concomitantemente estão afetados por trajetórias migratórias incertas.
- Guardam maior coesão interna, mas são mais permeáveis a influências externas.
- Estão mais aptos para as trocas produtivas, mas são excluídas delas.
- Ocupam um lugar ambíguo entre os receptores de políticas e protagonistas do intercâmbio.
- Fazem parte da expansão do consumo simbólico mas tem restrições para aceder ao consumo material.
- A auto-determinação e o protagonismo contrasta com a precariedade e a des-mobilização.

Os jovens, de singular importância nas sociedades atuais não apenas pela quantidade mas pelo que representam no presente e para o futuro, padecem de uma série de limitações e incertezas que a sociedade não consegue resolver. Dentre elas, temos destacado a saúde, o emprego, a escassez de espaços políticos e culturais de participação. Se nos aprofundarmos no assunto, percebemos que face à crescente e maior autonomia, as instituições formais da sociedade não lhes oferecem abrigo. Os jovens encaminham seus interesses e energias para outros meios e rumos que lhes permitam exercer suas opiniões, desenvolver novas comunidades e laços vinculados com as tecnologias. O tempo de lazer é canalizado para o consumo cultural dos meios mais conhecidos: a televisão, o cinema, o rádio, juntamente com os videogames, internet, conversa por celular, conversa em *chat*, envio de mensagens de texto, enfim, a conexão com os seus e as lógicas expressivas e comerciais dos meios que lhes oferecem visibilidade frente aos outros. As tecnologias da informação e da comunicação revelam-se como um componente importantíssimo da vida juvenil porque é através delas que eles se «enredam», efetivam seu consumo simbólico, constroem e re-constroem suas identidades, amplificam suas relações e estabelecem contatos à distância.

Perguntamos se os jovens, através da comunicação à distância e em contato com os «outros» diferentes, desenvolvem uma subjetividade aberta à diferença cultural e lingüística, a outras sensibilidades, mas também, ao conhecimento de outras realidades familiares e educativas. Assim mesmo, se adquirem informação que os oriente ou não, acerca de perspectivas vocacionais, do cuidado da saúde reprodutiva, acerca do consumo de drogas, da pornografia, entre outros temas. A resposta inicial a estes questionamentos, produto de pesquisas realizadas, é que os jovens não somente recorrem aos adultos – pais ou professores – para saber acerca de tais assuntos, senão que também procuram informação de forma direta. Eles estão, certamente, mais preparados do que seus pais estiveram; sentem e assim o manifestam, que aprendem não apenas na escola mas no que extraem da internet, vêem na televisão ou no cinema, ou simplesmente, escutam. Porém, também é verdade que, apesar de se comunicarem permanentemente, muitas vezes trata-se apenas de um alargamento de suas relações de colegas imediatos, através da rede.

OS JOVENS PERUANOS DE CHICLAYO, IQUITOS E CUSCO¹

A pesquisa realizada nas três cidades do Peru revela que existe uma linha de continuidade entre o consumo que os escolares fazem dos meios audiovisuais e da internet. Em outras palavras, trata-se de crianças e jovens que crescem junto à televisão, ao rádio e à música, são sensibilizados por essas mídias e continuam consumindo muitas horas de televisão aberta e a cabo, assistindo filmes em DVD e utilizando internet. A internet é entendida como um espaço ilimitado que contém todo o conhecimento humano disponível, o que guarda uma estreita relação com a lógica das culturas juvenis centradas no presente, em que a informação atual e espontânea adquire um valor fundamental, sendo, além disso, o insumo das relações sociais e das suas redes conversacionais. Embora seja imaginado como um espaço quase «global», a maior parte da comunicação é local, facilita e reforça as conexões dentro de âmbitos de atividade como o lar, a escola e a vizinhança, o que produz um impacto que facilita a interação e a coordenação.

A internet é para os escolares um espaço muito diferenciado da escola, ainda que – como o demonstra mais de 80% dos alunos consultados – os professores enviem seus alunos para cabines, ou mesmo para casa, de modo a realizar tarefas pela internet. Entretanto, muito além dessas indicações, a rede é especialmente um espaço em que encontram a possibilidade de procurar novas amizades, sem risco de serem avaliados, em que cada um pode experimentar suas identidades, sem controle, vivendo a instantaneidade do «tempo real». É possível entrar «sem pedir licença»; simplesmente um *click* é

1. Pesquisa realizada no Instituto de Investigación Científica da Universidade de Lima por Teresa Quiroz: *Jóvenes y diversidad cultural. El caso de escolares en Chiclayo, Iquitos y Cusco*, 2006.

suficiente para ser percebido. Mostrar imagens próprias ou produzidas para serem vistas pelos outros adquire uma dimensão extraordinária. Um aluno definiu a internet como uma cidade em que cada um sai se quiser, aparece, procura se divertir, causar impacto, ensinar ou mostrar aquilo que prefere através das «máscaras» que adota, mas também pode sumir na hora que quiser. Diferentemente da escola, que segue uma ordem pré-estabelecida, exige esforço que será avaliado pelo professor, demanda obrigações e além disso, presença. O «proibido», associado à pornografia, às imagens fortes, está muito presente entre os escolares. Apesar de assumirem o receio em relação aos pais, a abundância e a onipresença são tentadoras. Todos os jovens, se inicialmente resistem a reconhecer sua relação com o proibido, logo sorriem e afirmam que isso «se infiltra» em seus computadores. A diferença etária no uso da tecnologia joga a favor dos mais jovens, que vão criando maneiras de evitar o controle de pais ou professores. Os depoimentos e respostas dos alunos permitem confirmar que no *chat* ou no MSN conversam acerca das suas atividades, gostos midiáticos, músicas, personagens favoritos, times esportivos, celebridades, afetos, encontros, preocupações, e também acerca do «nada». Quer dizer, a informação adquire um valor ligado à relação social com os pares. No *chat*, são mantidos, sustentados e em alguns casos, aprofundados, os relacionamentos afetivos e de amizade com os grupos. É um espaço de extrema importância para expressar suas emoções, sem censuras; constantemente repetem que são capazes de dizer muito mais do que pessoalmente. O *chat* encerra a promessa da abundância de relacionamentos, como o *YouTube*, a possibilidade de mostrar e mirar sem intermediários. O *nick name* é um modo de criar uma marca de identidade que desejam comunicar, marca essa que muda constantemente ajustando-se aos novos relacionamentos que estabelecem e a seus próprios estados de humor. A escrita no *chat* é uma prática muito importante, pouco integrada, fraturada, sempre às pressas, fragmentada, a ponto de o outro precisar preencher. Produz uma economia da linguagem sempre apressada.

Embora os jovens permaneçam muito tempo conectados, existe uma espécie de consciência acerca da efemeridade do tempo, uma vez que o outro pode cansar-se e ir embora, e não existe nenhum controle sobre essa situação. O importante não é tanto a duração da conversa – não há uma narrativa extensa – quanto o que se queira comunicar, a intensidade comunicativa. A relação não presencial produz nos jovens o sentimento de desaparecimento da autocensura própria da regulamentação comunicativa na maior parte dos espaços da vida social. Enquanto na cotidianidade, na família, na escola, entre os amigos, os indivíduos pensam mais do que dizem e praticam formas de autocontrole, no *chat*, os limites para se comunicar se expandem ou somem. Muito deles

comprovam que têm maiores habilidades comunicativas no *chat*, que podem exprimir seu mundo interior muito melhor, sentem-se mais livres (Bonilla & Clichê, 2001). E ainda mais, não apenas eles se manifestam por meio da escrita ou de ícones para expressarem suas emoções, como as imagens os colocam diante de outras possibilidades de ver e serem vistos.

O problema da identidade se faz sempre presente nos depoimentos dos escolares, que, desde muito cedo, utilizam esse espaço para experimentar e «brincar», com uma variedade de oportunidades que lhes permitem explorar a própria subjetividade. Procuram-se relacionamentos com o sexo oposto, onde a paixão está sempre presente. É claro que a limitação inicial encontrada para permitir a participação é a idade, motivo pelo qual é a primeira informação mudada para facilitar o diálogo.

Procuram se encontrar com o outro com quem dialogam. Existem jovens que preferem representar-se tal como se vêem a si mesmos; outros que se esforçam em ser o que crêem que deveriam ser, com uma certa imagem do que gostariam de ser na imaginação de outros; há ainda os que representam diretamente a imagem que seu interlocutor procura. Os jovens brincam com essas identidades e tornam-se *experts* em modelar seu ou seus personagens. A simulação, a ficção e os jogos de identidade são uma prática recorrente. A suspeita de que os outros podem estar mentindo ou a constância de que eles mentem como uma brincadeira resulta na clareza de que a verdade é sempre frágil e relativa. Pensam que assim, tanto eles quanto os outros estão prevenidos do engano, embora sempre se esforcem por resultarem verossímeis.

Estamos diante de um espaço de comunicação de intenso desenvolvimento, que vai sendo moldado pelo próprio uso que, especialmente os jovens, realizam conforme suas necessidades e buscas. Em todos os casos estudados nas três cidades peruanas, paira uma grande curiosidade e expectativas. **M**

REFERÊNCIAS

- ARANOWITZ, Stanley; MARTINSONS, Barbara & MENSER, Michael (eds.) (1998). *Tecnociencia y cibercultura. La interrelación entre cultura, tecnología y ciencia*. Barcelona: Paidós.
- BIONDI, Juan & ZAPATA, Eduardo (1994). *Representación oral en las calles de Lima*. Lima: Universidad de Lima.
- BONILLA, Marcelo E CLICHE, Pilles (eds.) (2001). *Internet y Sociedad en América Latina y el Caribe*. Quito: FLACSO.
- BURKE, Peter (2002). *Historia social del conocimiento. De Gutenberg a Diderot*. Barcelona: Paidós.
- CASTELLS, Manuel (2006). Emergencia de los “medios masivos individuales”. *Le Monde Diplomatique*, setembro de 2006, ano V, No. 49.
- _____ (2005). *La Sociedad Red*. Madrid: Alianza Editorial, Tomo1.
- CEPAL (2004). *La juventud en Iberoamérica. Tendencias y urgencias*. Cepal: Santiago de Chile.
- CORNEJO POLAR, Antonio (1977). *La Novela Peruana. Siete ensayos*. Lima: Ed. Horizonte.
- ECHEVERRÍA, Javier (2000). Conocimiento en el medio ambiente digital. In: *Nueva Revista de Política, Cultura y Arte*, No. 70. Madri: julho-agosto.
- FERRÉS Y PRATS, Joan (2003). Las emociones y el inconsciente en la comunicación audiovisual. In: *Comunicación, medios y educación. Un debate para la educación en democracia* (Roxana Morduchowicz, coord.). Barcelona: Octaedro.
- GITLIN, Todd (2005). *Enfermos de información. De cómo el torrente mediático está saturando nuestras vidas*. Barcelona: Paidós.
- HOPENHAYN, Martin (1995). *Los mil reflejos de la globalización en la subjetividad*. Mimeo, Santiago de Chile.
- MANRIQUE, Nelson (1997). *La sociedad virtual y otros ensayos*. Lima: Fondo Editorial de la PUCP.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, Germán (1999). *Los ejercicios del ver. Hegemonía audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Gedisa.
- MELUCCI, Alberto (1999). *Esfera pública y democracia en la era de la información*. In: *Revista Metapolítica* No. 9, México: janeiro-março.
- PARRA SANDOVAL, Rodrigo (1995). El tiempo mestizo. Escuela y Modernidad en Colombia. In: *Proyecto Atlántida, Adolescencia y Lenguaje. La Cultura Fracturada*. Bogotá: Fundación FES, Colciencias, TM Editores.
- RAFFAELE, Simone (2001). *La Tercera Fase. Formas de saber que estamos perdiendo*. Madrid: Taurus.
- RINCÓN, Omar (2006). *Narrativas mediáticas o cómo se cuenta la sociedad del entretenimiento*. Barcelona: Gedisa.